

Uma Perspectiva Cristã Sobre a Homossexualidade

Texto em português · [Ler no site](#)

Resumo

Neste artigo ele desenvolve uma perspectiva cristã sobre a delicada, e contemporânea, questão da homossexualidade. Originalmente publicado como: "[A Christian Perspective on Homosexuality](#)". Texto disponível na íntegra em: [/a-christian-perspective-on-homosexuality](#).

Uma das questões mais difíceis e importantes que a igreja enfrenta hoje é a questão da homossexualidade como um estilo de vida alternativo. A igreja não pode se esquivar dessa questão. Eventos como o assassinato brutal de Matthew Shepherd, o estudante homossexual, no Wyoming, ou a recente torrente de escândalos envolvendo sacerdotes pedófilos, que têm sacudido a Igreja Católica, são suficientes para trazer essa questão para o centro dos debates atuais.

Os cristãos que rejeitam a legitimidade do estilo de vida homossexual são geralmente taxados de homofóbicos, intolerantes, e até mesmo de odiosos. Por causa disso, a questão do homossexualismo tem provocado uma grande intimidação, ao ponto de algumas igrejas terem aprovado o estilo de vida homossexual e até mesmo aceitado aqueles que o praticam para serem seus ministros.

Não pense que isso tem acontecido apenas em igrejas liberais. Uma organização homossexual, chamada *Evangelicals Concerned* [Evangélicos Preocupados], é formada por um grupo constituído de pessoas que, para todos os efeitos, são nascidas de novo, creem na Bíblia, mas que também são homossexuais praticantes. Eles alegam que a Bíblia não proíbe a prática homossexual ou que seus mandamentos não são válidos para hoje, uma vez que são apenas reflexo da cultura em que foram escritos. Essas pessoas, apesar de serem ortodoxas com relação a Jesus e a qualquer outra área de ensino, acreditam que é correto ser um homossexual praticante. Lembro-me de ouvir um erudito do Novo Testamento numa conferência profissional relatar a história de sua fala em um dos encontros da *Evangelicals Concerned*: “As pessoas estavam realmente preocupadas a respeito do que você ia falar”, disse o anfitrião após o encontro. “Por quê?” — ele perguntou surpreso — “Vocês sabem que não sou homofóbico!”. Mas o anfitrião lhe tranquilizou: “Imagina! As pessoas não estavam preocupadas com isso!”. E acrescentou: “Na verdade, elas estavam com medo de que você fosse defender o método histórico-crítico”.

Assim, quem somos nós para dizer que esses cristãos aparentemente sinceros estão errados?

Ora, essa é uma pergunta *muito* boa. Quem somos nós para dizer que eles estão errados? Tal questionamento suscita uma pergunta ainda mais profunda, que precisa ser respondida antes de tudo: o certo e o errado realmente existem? Antes que você possa determinar *o que* está certo e *o que* está errado, você tem de saber se o certo e o errado realmente existem.

Bem, qual é a base para dizer que o certo e o errado existem, e que há realmente uma diferença entre esses dois? Tradicionalmente, a resposta tem sido que a base dos valores morais está em Deus. Deus é, por natureza, perfeitamente santo e bom. Ele é justo, amoroso, paciente, misericordioso, generoso — tudo que é bom vem dele e reflete seu caráter. Ora, a natureza perfeitamente boa de Deus chega até nós em seus

mandamentos que se tornam nosso dever moral: por exemplo, “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, alma e força”, “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”, “Não matarás, não furtarás, não cometerás adultério”. Essas coisas são certas ou erradas com base nos mandamentos de Deus, e os mandamentos de Deus não são arbitrários, mas fluem necessariamente de sua perfeita natureza.

Esse é o entendimento cristão de certo e errado. Há realmente um criador, Deus, que fez o mundo e nos permitiu conhecê-lo. Ele realmente tem ordenado certas coisas. E, de fato, estamos moralmente obrigados a fazer certas coisas (e não fazer outras). A moralidade não é apenas um produto de sua mente. Ela é real. Quando falhamos em guardar os mandamentos de Deus, realmente nos tornamos, do ponto de vista moral, culpados perante ele e carentes de seu perdão. A questão não está apenas no fato de nos *sentirmos* culpados; nós realmente *somos* culpados, a despeito de como nos sentimos. Se tenho uma consciência insensível, uma consciência entorpecida pelo pecado, posso não me *sentir* culpado; mas, se transgredi a lei de Deus, *sou* culpado, a despeito de como me sinto.

Assim, por exemplo, se os nazistas tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial e tivessem tido sucesso em sua lavagem cerebral ou no extermínio de todos que discordassem deles, de forma que todo o mundo pensasse que o Holocausto tinha sido bom, tal atitude ainda assim teria sido errada, porque Deus diz que é errada, a despeito da opinião humana. A moralidade está baseada em Deus, e assim o certo e o errado têm existência real e não são afetados por opiniões humanas.

Tenho enfatizado esse ponto porque ele é muito estranho ao pensamento de uma boa parte das pessoas em nossa sociedade atual. Hoje muitas pessoas encaram o certo e o errado não como uma questão de *fato*, mas de *gosto*. Não há uma questão objetiva, por exemplo, em se achar que *o brócolis é gostoso*. Ele é gostoso para algumas pessoas, mas ruim para outras. Ele pode ser gostoso para